

A GESTÃO DE ACERVOS COMO ETAPA PARA A DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO EM MUSEUS

Raquel França Garcia Augustin¹

Conservadora-restauradora e professora do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL

Resumo: O museu atual advém do colecionismo privado que depois de transformações na sociedade culmina na criação de museus nacionais e depois na criação do Icom, promotor da difusão e proteção do patrimônio musealizado. Sua definição de museu incorpora processos de salvaguarda e comunicação do acervo como elementos essenciais para o cumprimento do papel social do museu. Através de pesquisa bibliográfica, o presente texto defende que os processos de salvaguarda compõem o sistema de gestão de acervos, o qual, por sua vez, comporta subsídios à difusão da informação em museus por meio das exposições.

Palavras-chave: Gestão de acervos. Conservação. Documentação. Exposição.

COLLECTIONS MANAGEMENT AS A STAGE FOR INFORMATION DISSEMINATION IN MUSEUMS

Abstract: *The current museum comes from the private art collecting. After changes in society the private collections culminates in the creation of national museums. Later the ICOM is created, institution of protection and diffusion of museological heritage. Its definition of Museum incorporates safeguard procedures and communication of the collection as key elements to satisfy the social role of the museum. Through bibliographical research this text argues that the safeguard procedures makes the collections management system which includes bases to dissemination of information on museums through the exhibits.*

Keywords: *Collections management. Documentation. Conservation. Exhibition.*

¹ Mestre em Ciência da Informação/UFMG. Pesquisadora do grupo Musaetec. Email: rfgaugustin@gmail.com.

A GESTÃO DE ACERVOS COMO ETAPA PARA A DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO EM MUSEUS

1. Introdução

Os museus são por excelência o repositório de bens patrimoniais de uma sociedade. Mas, além disso, são instituições com objetivos, metas, missões e funções específicas aos propósitos de pesquisa, preservação e comunicação de seu objeto de estudo: o patrimônio cultural.

O assunto abordado no texto, a importância da gestão de acervos para a difusão da informação, não apresenta muitas publicações no Brasil, de modo que as ideias demonstradas aqui acrescentam uma abordagem sistemática sobre a temática. Por meio de uma pesquisa bibliográfica constatamos que os elementos aqui tratados possuem publicações caracterizando-os ou relacionando-os com outras temáticas; mas, a relação estabelecida entre a gestão dos acervos (contemplando nesse conceito as atividades de salvaguarda referentes à documentação e a conservação dos objetos) e a efetiva difusão deles, por meio das exposições ou outros sistemas de concessão de acesso, como bases de dados online e publicações, não é muito explorada.

Essa relação se pauta nas ações de documentalistas, conservadores e curadores que subsidiam a efetivação da difusão ao registrar, estabilizar e interpretar os objetos. Todos prezam pelo objeto, mas cada um o enxerga sob certo viés. O documentalista retira dele todas as informações referentes à sua biografia e morfologia. O conservador precisa assegurar sua permanência enquanto testemunho material minimizando variações na sua estrutura interna e externa, estudando seus materiais e respostas ao meio em que está inserido. E o curador se debruça sobre o sentido simbólico da peça para a sociedade a que ela estava submetida, geralmente.

Com isso, comentamos que os objetivos do texto são a realização de um panorama da evolução do conceito da instituição museológica até a definição atual apontada pelo Icom e a apresentação e argumentação da gestão de acervos enquanto instância de salvaguarda propulsora da difusão das informações referentes aos objetos musealizados.

Conforme dito anteriormente, a metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica a respeito dos temas história dos museus, gestão de acervos, documentação e exposições. Procuramos estabelecer relações entre as ideias dos autores trabalhadas de modo a comprovar a hipótese de que a gestão de acervos assiste e contribui para a difusão da informação nos museus, principalmente por meio das exposições museológicas.

2. Panorama da formação dos museus

Há dois mitos de origem da instituição museológica, o do *Museion* grego e seu contexto² (o mais difundido) e o de Museu, filho de Orfeu, portanto, descendente de Apolo e da musa Calíope, que foi designado a reunir a obra do pai para que ela não se perdesse no tempo (CÂNDIDO, 2013)³. De acordo com diversos autores, o museu floresce do colecionismo, ou seja, do ato de acumular objetos e preservá-los transformando seu significado de objeto utilitário para objeto histórico, por exemplo. Inicialmente as coleções mais relevantes ficaram sob a guarda de monarquias e da Igreja, mas, com o passar do tempo, a aristocracia adentrou nesse seletivo grupo e, posteriormente, a burguesia.

Esse panorama partirá da Idade Média, período em que os governantes e altos membros do clero continuam acumulando tesouros como pinturas, tapeçarias, esculturas e relíquias⁴, entre outros, tal qual os romanos fizeram com os acervos gregos. Nessa época é registrado o uso de locais específicos para a guarda desses tesouros, como os palácios, os quais possuíam salas para exibir as obras sob sua posse (BOLAÑOS, 2008)⁵. Já os templos católicos armazenavam-nas em câmaras de

² De acordo com a mitologia, o termo *Museion* correspondia aos santuários e escolas filosóficas e de pesquisa científica dedicados às musas e dirigidos por elas, respectivamente, figuras protetoras das Ciências e das Artes, descendentes de Zeus, deus dos deuses, e Mnemosyne, deusa da memória (CÂNDIDO, 2013).

³ CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento**. Porto Alegre: Medianiz, 2013. p.26-44.

⁴ De acordo com Pomian (1984, p.59) relíquias são "objetos que se crê que tenham estado em contacto com um deus ou com um herói, ou que se pense que sejam vestígios de qualquer grande acontecimento do passado mítico ou longínquo [...]".

⁵ BOLAÑOS, Maria. Un milenio de colecciones privadas. In: _____. **Historia de los museos en España: memoria, cultura, sociedad**. Gijón: Ediciones Trea, 2008. p.38-61

tesouros e também ao longo de seu ambiente interno com o intuito de utilizar a arte de forma pedagógica e moral (CÂNDIDO, 2013).

A partir desse acúmulo de tesouros surgiu um novo meio de interação com os objetos componentes das coleções: o *studiolo*. Ele se caracterizava como um cômodo especialmente construído e decorado para promover a reflexão, o estudo e abrigar itens como esculturas, pinturas e pedras preciosas. O espaço promoveu uma distinção na relação homem-objeto por conta da privacidade que concedia aos ali presentes e se tornou popular a partir do século XVI entre os afortunados italianos, como a família Médici, famosa pela atuação de seus membros como mecenas na época renascentista (BLOM, 2003)⁶.

Nesse período, o pensamento renascentista aliado às inovações navais e comerciais culminou em novos tipos de coleções voltadas não só à arte, mas também ao exótico. Essas coleções originaram novos lugares de apreciação ainda de acesso restrito: os gabinetes de curiosidades, cuja maior parte dos artefatos eram de *naturalia*, e as câmaras das maravilhas, que abrigavam predominantemente a *artificialia* (CÂNDIDO, 2013).

Nessa época o ato de colecionar atingiu as camadas intermediárias da sociedade, aqueles que não detinham "grandes recursos nem grandes ambições intelectuais". Na Holanda, por exemplo, os burgueses incluíram o gabinete ou armário de curiosidades como parte fundamental da residência, de forma que ele poderia ter as dimensões que seu portador desejasse, podendo configurar-se como um armário de porte mediano ou até mesmo um cômodo inteiro (BLOM, 2013). Esse é o período em que há uma transformação cultural: de possuir tesouros as pessoas passam a possuir coleções, visto que os tesouros denotam unicamente um prazer pela posse enquanto as coleções concedem satisfação por meio do deleite e apreciação estética ou intelectual das peças (BOLAÑOS, 2008).

Com o crescimento do Iluminismo, as coleções ganharam um caráter distinto do então vigente de fruição e apreciação; elas adquiriram um papel enciclopédico de reunião de conhecimentos. É justamente no século XVIII que se inicia a supremacia do

⁶ BLOM, Philipp. O dragão e o carneiro tártaro. In: _____. **Ter e manter**. Uma história íntima de coleções e colecionadores. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.29-42.

Estado em relação à posse e organização das coleções patrimoniais por meio das grandes transferências de acervos privados para o âmbito público, conforme aponta Manuelina Maria Duarte Cândido (2013), o que culmina na formação dos principais museus nacionais europeus, "símbolos de nações ou coletividades" (POULOT, 2013)⁷, no século XIX.

Essas instituições foram fundadas como espaços públicos, fato que para Heloisa Barbuy (2002)⁸ se caracterizou como uma realização de caráter filosófico, ideológico e revolucionário. Filosófico por dar seguimento ao ideal iluminista vigente da instrução do povo para alcançar o progresso da nação através do caráter pedagógico das exposições; ideológico por ter sido promovido por meio de políticas públicas de acesso que transformaram os acervos privados de acesso restrito à aristocracia e à nobreza em acervos de acesso público aos cidadãos, e; revolucionário por ter ocorrido juntamente com as unificações políticas e a formação dos Estados e consciências nacionais (BARBUY, 2002). Com isso, as pessoas passaram a interpretar o livre acesso ao patrimônio artístico, científico e histórico promovido por tais instituições como um direito de cada cidadão e "uma necessidade para a identidade e para a reprodução da nova comunidade imaginária" (POULOT, 2013). Ou seja, as pessoas passam a incorporar o patrimônio de sua nação como parte integrante do todo que os unifica e diferencia de outras pessoas, parte daquilo que os une, que os individualiza enquanto grupo e promove o reconhecimento das pessoas pertencentes àquelas comunidades formadas por pessoas de diferentes classes sociais e formações, mas da mesma raiz cultural.

Já no século XX, os ideais iluministas são superados. Com os conflitos bélicos, muitos são os museus destruídos ou saqueados. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1946, para evitar maiores perdas e preservar o que não foi devastado, é criado o Icom - *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus) - que tem por responsabilidade liderar os museus para que eles se tornem atuantes na preservação e difusão do conhecimento que detém. Depois de muitas atualizações e aprimoramentos

⁷ POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

⁸ BARBUY, Heloisa. Os museus e seus acervos: sistemas de documentação em desenvolvimento. In.: INTEGRAR – 1º Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus, mar. 2002, São Paulo. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 67-78.

da conceituação de museu inicialmente criada, desponta em 2007, na 21ª Conferência Geral do Icom, a definição abaixo redigida e ainda vigente:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e de seu ambiente com o propósito de educação, estudo e apreciação (tradução nossa).⁹ (ICOM, 2007).¹⁰

A definição de 2007 marca o museu como uma instituição permanente, que promove o acesso do público às suas coleções através da comunicação e exibição de seu conteúdo. Instituição essa que atua na preservação do patrimônio ao adquiri-lo, conservá-lo e pesquisá-lo, proporcionando com isso, a apreciação dos itens e seu estudo.

3. A gestão de acervos como elo entre a documentação, a conservação e a comunicação

Como instituição e organização, o museu precisa ser gerido e a gestão museológica perpassa por várias instâncias que se diferem quanto a um caráter administrativo ou cultural. As instâncias administrativas vinculam-se às questões financeiras, estratégicas, de recursos humanos e de segurança. Já as culturais estão entrelaçadas com a salvaguarda das coleções e sua comunicação. Segundo Manuelina Maria Duarte Cândido (2013), a salvaguarda do acervo contempla as ações de documentação e conservação, enquanto a comunicação abarca a expografia e as ações educativo-culturais. Partindo dessa divisão, entendemos a gestão de acervos como um sistema pautado pela salvaguarda das coleções, contemplando primordialmente as atividades de documentação e conservação. A gestão dos acervos enquanto sistema é um dos ramos fundamentais para a existência sadia das coleções e a manutenção do padrão de qualidade pretendido pela instituição, pois é a ela que cabem todas as atividades de registro, manutenção e organização do acervo. Nikola

⁹ *A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.*

Ladkin (2004)¹¹ relaciona-a com três grandes atividades: o registro dos objetos, sua preservação e acesso controlado.

A gestão do acervo é o termo aplicado aos vários métodos legais, éticos, técnicos e práticos pelos quais as coleções do museu são formadas, organizadas, recolhidas, interpretadas e preservadas. A gestão do acervo foca-se na preservação das coleções, preocupando-se pelo seu bem-estar físico e segurança, a longo prazo. Preocupa-se com a preservação e a utilização do acervo, e registo de dados, e em que medida o acervo apoia a missão e propósito do museu. (LATKIN, 2004, p.17)

Previamente ao registro dos objetos, eles precisam ser selecionados. Portanto, também cabe à gestão de acervos o estabelecimento de critérios de aquisição e de descarte para aquilo que é ou não é mais relevante, aquilo que acrescenta dados e o que já não cumpre essa função. Os processos de incorporação se referem a compras, doações, permutas, empréstimos, entre outros, e comportam a oficialização da transferência de propriedade, o registro, análise técnica e identificação inicial das peças para, posteriormente, dar-se início ao seu processo de catalogação.

O setor de documentação em associação com o de conservação e o de curadoria é responsável por descobrir as informações essenciais sobre os bens culturais: informações históricas, artísticas, técnicas e científicas. Informações estas que “podem ser utilizadas como base para investigação, acesso público, exposição, educação, desenvolvimento do acervo, gestão do acervo e segurança” (ROBERTS, 2004, p.35).¹²

As atividades vinculadas à comunicação apresentam objetivos distintos, relacionados com a difusão e aprimoramento das informações descobertas por tais setores. Por meio delas, a informação coletada é interpretada, se torna acessível e compreensível através da concepção dos conceitos das exposições, da definição de seu

¹⁰ ICOM. Museum Definition. Disponível em: <<http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>>. Acesso em: 24 out. 2014.

¹¹ LADKIN, Nikola. Gestão do acervo. In: BOYLAN, Patrick J. (ed). **Como Gerir um Museu: Manual Prático**. Paris: Icom, 2004, pp. 17-32. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

¹² ROBERTS, Andrew. Inventário e documentação. In: BOYLAN, Patrick J. (ed). **Como Gerir um Museu: Manual Prático**. Paris: Icom, 2004, pp. 33-54. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

público-alvo e de sua produção, realizadas pelos curadores e técnicos responsáveis, assim como da concepção dos programas educativos e de marketing. Nicola Latkin (2004) insere as exposições na gestão de acervo, no entanto, a subdivisão seguida pelo trabalho não segue essa linha, considerando a gestão de acervos como um sistema de salvaguarda dos acervos.

A relação entre a difusão da informação e a documentação e conservação dos dados a nível intelectual e material reflete a relação entre as duas instâncias envolvidas: a salvaguarda e a comunicação. A preservação do patrimônio musealizado precisa agregar as duas áreas e intermediar o diálogo entre elas, pois ambas exercem atividades de igual importância. Referindo-se a isso, Manuelina Maria Duarte Cândido (2013) comenta o elo entre os processos de musealização e preservação dos bens culturais:

[...] o processo de musealização ocorre a partir de uma seleção e atribuição de sentidos feita dentro de um universo patrimonial amplo, resultando em um recorte formado por um conjunto de indicadores da memória ou referências patrimoniais tangíveis ou intangíveis, naturais ou artificiais, indistintamente. Feita a seleção, essas referências patrimoniais ingressam em uma cadeia operatória que corresponde ao universo de aplicação da Museologia – museografia. Preservação, portanto, é tomada como equivalente a processo de musealização, e é realizada pela aplicação de uma cadeia operatória formada por procedimentos técnico-científicos de salvaguarda e de comunicação patrimoniais, em equilíbrio. A cadeia operatória representa tanto a responsabilidade pela herança constituída para o futuro, como a comunicação permanente e processual. [...] (CÂNDIDO, 2013, p. 154).

Sem a conservação da peça musealizada ou a pesquisa sobre sua origem, função e atribuição de valores, não há meios de comunicar algo, pois não há nada a comunicar. Daí a relevância das funções do documentalista, do conservador e do pesquisador curador. Abaixo faremos uma breve apresentação do que contempla cada uma dessas atividades e como elas se relacionam com a difusão do acervo.

A pesquisa compreende todos os estudos realizados a respeito da peça pelos setores como documentação, conservação e curadoria. São os estudos responsáveis pelo registro de todo o conhecimento existente sobre o objeto museológico, seus significados, interpretações, características técnicas e usos. De acordo com Heloisa

Barbuy (2002), o século XXI se diferencia do XX por reinserir o objeto como um documento em si na rotina museológica ao considerar a história da cultura material como diretriz de documentação museológica. Ela salienta que, para a cultura material, o objeto porta tanto significados culturais quanto representa práticas sociais e acrescenta que a catalogação, por exemplo, é responsável pelo recolhimento de informações referentes à morfologia e à biografia que da obra, por meio de campos destinados à contextualização e à decodificação do objeto, sendo realizada pelos documentalistas e curadores.

Mas, além da catalogação, a documentação museológica contempla todas as informações de registro do objeto e das atividades relacionadas a ele dentro da instituição museológica, como os documentos legais de aquisição, a localização do objeto e o histórico de atividades institucionais referentes a ele, como restaurações, transportes ou empréstimos. Assim como contempla a relação de documentos referentes a grupos do acervo ou ao acervo por inteiro, como o inventário ou os registros referentes a uma exposição de curta duração.

Todos esses documentos são relevantes para a difusão das informações sobre o objeto de uma forma ou de outra. Os documentos de catalogação sintetizam o conhecimento produzido sobre o item pelos documentalistas e curadores embasando a produção de novos conhecimentos no que tange ao planejamento de exposições ou de publicações. Os documentos administrativos e técnicos produzidos por documentalistas, produtores e conservadores subsidiam as atividades operatórias de produção das exposições, dando diretrizes de uso e estabelecendo as condições para a adequada realização das atividades, visando as mínimas intervenções na estabilidade das peças. Com isso, concluímos que a pesquisa e a documentação são fatores cruciais para a difusão da informação nos museus. Além disso, inferimos que a gestão de acervos contempla a conservação dos objetos e de suas informações técnicas referentes aos materiais, forma, uso e manufatura para a preservação de seus diversos significados variáveis de acordo com a interpretação adotada sobre o objeto, seja ela histórica, estética, técnica ou científica, levando em conta o caráter da cultura material de uma comunidade.

A respeito do vínculo entre objeto e informação, Ana Lúcia Sianeis de Castro (2009, p.138)¹³ acrescenta que “[...] a informação museológica configura-se enquanto tal a partir da construção do objeto museal. Como construção simbólica, porém material, a informação não pode ser separada de seu suporte físico e semântico”. O que nos leva a crer que a conservação do objeto é crucial para a fruição dos dados que ele carrega. Em termos conceituais, a conservação compreende medidas que visam a salvaguarda do patrimônio e sua estabilização, tornando-o acessível às gerações atuais e futuras, sejam tais ações preventivas, curativas, ou restaurativas, conforme apontado pela terminologia redigida em 2008 pelo Icom-cc, o Comitê de Conservação do Icom. Ou seja, cabe ao conservador atuar de forma indireta e direta, evitando ou minimizando futuras deteriorações ou perdas; reforçando a estrutura do bem ou suspendendo sistemas existentes prejudiciais a ele; e interferindo na peça de modo a "facilitar sua apreciação, compreensão e uso", respeitando seus materiais e significados (ICOM-CC, 2010)¹⁴.

Além disso, cabe ao conservador viabilizar circunstâncias de uso o menos danosas possíveis às obras, possibilitando o armazenamento, acondicionamento, empréstimo, transporte e exibição do acervo através de alternativas materiais e condições ambientais favoráveis à sua preservação, como a escolha correta dos aparatos que ficarão em contato com a peça e o controle dos níveis de luminosidade, temperatura e umidade relativa do ambiente (BRADLEY, 2011)¹⁵. Portanto, a higienização, a catalogação, a documentação fotográfica, o armazenamento, o acondicionamento e o manuseio são elementos chave na conservação do suporte informacional, além, da restauração dos objetos, quando necessária. (DRUMMOND, 2002; TEIXEIRA; GHIZONI, 2012)¹⁶.

¹³ CASTRO, Ana Lucia Sianeis de. **O museu do sagrado ao segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

¹⁴ ICOM-CC. Terminologia para definir a conservação do patrimônio cultural tangível. **Boletim eletrônico da ABRACOR**, Rio de Janeiro, n.1, p.2-3, jun.2010. Disponível em: <<http://www.abracor.com.br/novosite/boletim/boletim062010.pdf>>. Acesso em 20 set. 2012.

¹⁵ BRADLEY, Susan. Os objetos tem vida finita? In: MENDES, Marylka et all (org). **Conservação: conceitos e práticas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

¹⁶ DRUMMOND, Maria Cecília. Prevenção e Conservação em Museus. In: MINAS GERAIS. **Caderno de diretrizes museológicas**, 1. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, 2002. p. 103-129. Disponível em: <http://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/04/Caderno_Diretrizes_I-Completo-1.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2015.

Dessa forma, percebemos como a documentação e a produção de exposições atuam em conjunto com a conservação dos acervos e como a conservação influencia a difusão das informações dos objetos musealizados. Influência essa pautada na análise de suas características técnicas estruturais e materiais, na avaliação da fragilidade de seu suporte e de suas marcas de uso a fim de identificar as melhores condições para viabilizar sua difusão, visto que as informações culturais portadas pelo bem musealizado e as construções simbólicas referentes a ele, estão intimamente relacionadas com sua existência material, com seu caráter de testemunho, culminando na experiência de sua contemplação.

Retomando o vínculo entre salvaguarda e comunicação estabelecido pelo ideal de preservação conforme abordado por Cândido (2013) citada anteriormente, constatamos que a difusão da informação por meio de publicações, plataformas, material gráfico ou exposições configura-se como preservação, assim como a salvaguarda do patrimônio, sistematizada pela gestão do acervo. Diante disso, compreendemos a conexão entre os dois sistemas e sua interdependência para o alcance do papel social do museu como um dos mediadores entre a sociedade e o conhecimento. Quanto a esse papel, Marília Xavier Cury (2004)¹⁷ acrescenta que "o museu formula e comunica sentidos a partir de seu acervo. Esses dois atos, formulação e comunicação, são indissociáveis e, por isso, atribuem a essa instituição o seu papel social". A autora acrescenta que a comunicação é estabelecida através das ações educativas¹⁸ e das exposições. Também, que é imprescindível a consideração do cotidiano dos receptores da informação na formulação das exposições e dos discursos expositivos, adequando os conteúdos de forma que se promova um vínculo entre os

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação preventiva de acervos**. Florianópolis: FCC, 2012. 74p. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN_151904Conservacao_Preventiva_1.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2015.

¹⁷ CURY, Marília Xavier. Comunicação Museológica - Uma Perspectiva Teórico-Metodológica de Recepção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/163205860055902573219461744573043611838.pdf>>. Acesso em 21 out. 2014.

¹⁸ Por ações educativas entende-se a ação de mediação, as oficinas promovidas, as publicações produzidas e ofertadas, as interface estabelecida entre o acervo e o público pelo sítio virtual da instituição, entre outros.

objetos e o público-alvo para que esse assimile o conteúdo explorado, elabore seu próprio discurso e suas significações:

Os processos de elaboração de exposições em museu devem levar em conta que a aproximação entre exposição e público deve se dar tendo o público como referência. Isso significa que tanto os temas e assuntos escolhidos para serem musealizados⁴ quanto a elaboração do discurso expositivo deveriam se dar a partir do cotidiano dos receptores. Contextualizar os objetos museológicos só teria sentido se, ao mesmo tempo, contextualizássemos o tema e o assunto face ao cotidiano das pessoas. Não basta expor contextualizando a partir da origem do artefato e sim expor fazendo com que se estabeleça vínculos entre culturas, entre grupos e entre pessoas de culturas diferentes e isso só se dá na comunicação de sentidos. Acreditamos que somente estabelecendo vínculos é que conseguiríamos estabelecer uma relação dialógica entre exposição - e grupos culturais - e o receptor. [...] (CURY, 2004, p.6).

Geralmente a comunicação promovida pelas exposições é unilateral, pois o público reage passivamente ao que vivencia, não há uma resposta da parte dele. É também o resultado de uma experiência sensível, não unicamente verbal, visto que se funda na apreciação visual das obras expostas (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013)¹⁹. As exposições, sejam itinerantes, de longa ou de curta duração, seguem a interpretação de seus curadores sobre determinado assunto ou objeto, são agentes de comunicação museal, detentoras de ferramentas de transmissão da informação, mediadoras entre o público e o acervo musealizado.

Pela sua natureza, a exposição é o evento promotor de acesso ao acervo museológico, de visibilidade pessoal, destaque social, apreciação *in loco*, difusão de conhecimento e elemento primordial de um museu visto que

[...] a exposição aparece como uma característica fundamental do museu, na medida em que este é desenvolvido como o lugar por excelência da apreensão do sensível pela apresentação dos objetos à visão (visualização), “mostração” (o ato de demonstrar como prova), e ostensão (como uma forma de sacralização de objetos por adoração). Por meio deste processo, o visitante é colocado na presença de elementos concretos que podem ser exibidos por sua própria

¹⁹ DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

importância (como no caso de quadros ou relíquias), ou por evocarem conceitos ou construções mentais (a transubstanciação, o exotismo). (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.43).

A exposição se caracteriza, assim, como o espaço em que os objetos se localizam e também como a seleção de objetos em si; é constituída tanto pelas obras ali presentes quanto pelo material expográfico acessório, os suportes de informação, a sinalização e os objetos substitutivos (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Ao conceber uma exposição é preciso pensar em diversos fatores, tanto os textos que serão utilizados para a promoção da provocação no público acerca do assunto abordado, quanto os sistemas de sustentação das obras que serão utilizados, passando pela disposição espacial do discurso estabelecido, refletido pelas relações estabelecidas entre as obras selecionadas, pelos recursos gráficos e tecnológicos, pela eleição da equipe de educadores, entre tantas outras coisas.

O processo de planejamento de uma exposição envolve a maior parte da equipe do museu, desde o responsável pelas compras de materiais e contratação de profissionais terceirizados até os diretores técnico-artísticos e curadores, pois, cada um, na sua atividade, contribui para o produto final: a difusão da informação produzida na instituição em uma linguagem clara e compreensível para o público-alvo daquele projeto.

4. Conclusão

A atual definição de museu do Icom remete aos termos educação, estudo e apreciação comentando que a aquisição, a conservação, a pesquisa, a comunicação e a exibição são concebidas e realizadas com o intuito de proporcionar e alcançar a educação, estudo e apreciação. Ao analisarmos a trajetória da instituição museológica desde os primórdios da prática do colecionismo, percebemos a ocorrência da evolução do pensamento preservacionista enquanto protetor do patrimônio e responsável pela disponibilização dele para todos, tendo dois períodos marcantes: o período iluminista e o período pós Segunda Guerra Mundial.

A concepção de educação museal está vinculada às ideias de aprendizado, instrução, transmissão de conhecimento e de valores. Também às de desenvolvimento,

reflexão, compreensão, entendimento; na medida em que o estudo é personificado pelas possibilidades que o acervo exposto ou armazenado apresenta, pelas informações que as testemunhas materiais da civilização e do mundo trazem em seu suporte e as interpretações e relações estabelecidas pelos pesquisadores nas publicações e na seção de catalogação são expostas à sociedade. Assim, o museu permite que a análise e a experimentação estética ou apreciação passem do campo bidimensional da página para o tridimensional dos objetos ao admitir o acesso físico às suas coleções, não só por meio de publicações ou plataformas. Acesso esse promovido primordialmente pelas exposições, uma das formas de comunicação museal, subsidiadas pelas atividades de salvaguarda do acervo, compreendidas como a documentação e a conservação dos itens musealizados, sintetizadas na chamada gestão de acervos. Com isso, constatamos a relevância da gestão de acervos para a difusão das informações museais. Também que a experiência sensível de presenciar a obra no seu todo não pode ser substituída por nenhuma outra, visto que não existe um meio de reproduzir as sensações vivenciadas em outro meio.

O caráter perene da instituição e seu compromisso com a preservação dos artefatos transmite uma confiança ao público de que ele poderá desfrutar do deleite, da fruição e da reflexão oferecidos pelas obras sob sua responsabilidade e pelos discursos desenvolvidos com o estabelecimento de conexões entre elas. A preservação do objeto e da informação que ele detém está presente tanto na salvaguarda dos objetos musealizados quanto na comunicação deles para a sociedade, na expressão de seus significados e simbologias. A preservação existe na valorização proporcionada pela aquisição e pela pesquisa, na estabilidade fornecida pela conservação e na acessibilidade e difusão intrínsecas à comunicação museal e à exposição.

REFERÊNCIAS

BARBUY, Heloisa. Os museus e seus acervos: sistemas de documentação em desenvolvimento. In: INTEGRAR – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 67-78.

BLOM, Philipp. O dragão e o carneiro tártaro. In:_____. **Ter e manter**. Uma história íntima de coleções e colecionadores. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.29-42.

BOLAÑOS, Maria. Un milenio de colecciones privadas. In:_____. **Historia de los museos en España: memoria, cultura, sociedad**. Gijón: Ediciones Trea, 2008. p.38-61

BRADLEY, Susan. Os objetos têm vida finita? In: MENDES, Marylka et all (org). **Conservação: conceitos e práticas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

CASTRO, Ana Lucia Siaines de. **O museu do sagrado ao segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

CURY, Marília Xavier. Comunicação Museológica - Uma Perspectiva Teórico- Metodológica de Recepção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/163205860055902573219461744573043611838.pdf>> . Acesso em 21 out. 2014.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DRUMMOND, Maria Cecília. Prevenção e Conservação em Museus. In: MINAS GERAIS. **Caderno de diretrizes museológicas**, 1. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, 2002. p. 103-129. Disponível em: <http://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/04/Caderno_Diretrizes_I-Completo-1.pdf> . Acesso em: 07 jun. 2015.

ICOM. Museum Definition. Disponível em: <<http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>>. Acesso em: 24 out. 2014.

ICOM-CC. Terminologia para definir a conservação do patrimônio cultural tangível. **Boletim eletrônico da ABRACOR**, Rio de Janeiro, n.1, p.2-3, jun.2010. Disponível em: <<http://www.abracor.com.br/novosite/boletim/boletim062010.pdf>>. Acesso em 20 set. 2012.

LADKIN, Nikola. Gestão do acervo. In: BOYLAN, Patrick J. (ed). **Como Gerir um Museu: Manual Prático**. Paris: Icom, 2004. pp. 17-32. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROBERTS, Andrew. Inventário e documentação. In: BOYLAN, Patrick J. (ed). **Como Gerir um Museu: Manual Prático**. Paris: Icom, 2004. pp. 33-54. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação preventiva de acervos**. Florianópolis: FCC, 2012. 74p. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN_151904Conservacao_Preventiva_1.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2015.